



## Somos modernos? Considerações sobre o Estado e a democracia brasileira a partir de Raízes do Brasil

Vinícius Balestra

UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8706-1196>

### Introdução

O presente texto tem por objetivo criticar alguns aspectos da interpretação do Brasil que se manifestam na obra do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda<sup>1</sup>, *Raízes do Brasil*<sup>2</sup>. Para isso, valemo-nos da obra *A Modernização Seletiva*, do sociólogo Jessé de Souza. A chave de leitura de Jessé reconstrói uma interpretação do Brasil a partir de críticas e reparos feitos ao que o autor convencionou chamar de *sociologia da inautenticidade*; tais críticas são feitas, especialmente, às interpretações de Sérgio Buarque de Holanda (em *Raízes do Brasil*), Raymundo Faoro (*Os Donos do Poder*) e Roberto DaMatta (*O que faz do Brasil, Brasil?*).

O intuito é dialogar com a rica crítica de Jessé de Souza, especificamente ao ensaio histórico de Sérgio Buarque de Holanda e inserir novos elementos para potencializá-la. Para atingir esse objetivo, nos valeremos de modesta porção da variada fortuna crítica já produzida sobre *Raízes do Brasil*, afim de dar aprofundamento e novos subsídios à análise de Jessé de Souza. Nesse sentido, se torna especialmente importante o conceito de cordialidade, presente na obra de SBH e com o qual temos intenção de dialogar.

<sup>1</sup> Paulistano, nasceu em 1902. Crítico literário, ensaísta e historiador, militou junto à geração modernista dos anos 20. Ainda em tal década, se estabeleceu na Alemanha, período em que viveu entre a boêmia e a universidade. Retorna ao Brasil com o projeto de escrever um livro intitulado “Teoria da América”, do qual jamais se encontraram fragmentos. Em vez disso, publica, em 1935, pela Revista Espelho, “Corpo e Alma do Brasil: um ensaio de psicologia social”. Morreu também na cidade de São Paulo, em 1982. Para detalhes, cf. DECCA, Edgar Salvadori de. *Ensaio de Cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda*. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 214-228.

<sup>2</sup> Publicado em 1936, *Raízes do Brasil* desenvolve com completude as ideias esboçadas por Sérgio Buarque de Holanda, um ano antes, em “*Corpo e Alma do Brasil: ensaio de psicologia social*”.

## Raízes, espaços e tempos

Sandra Jatahy Pesavento, em texto intitulado “Cartografias do Tempo: palimpsestos na escrita da história”<sup>3</sup>, dá valiosa contribuição para entender *Raízes do Brasil*, a partir da noção de *espaço histórico*. Pesavento tem como intuito estabelecer relações entre a obra de Sérgio Buarque e os pensadores que, certa ou provavelmente, informaram a concepção de *espaço histórico* do autor. Ao fazê-lo, Sandra nos aproxima da provável concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda e, assim, aprimora o nosso entendimento de *Raízes*.

Tomada por esse intuito, Pesavento nos apresenta ao primeiro historiador que influenciou Holanda: Leopold Von Ranke. De fato, a influência de Ranke sobre Holanda não apenas é perceptível na leitura e interpretação de sua obra mais importante, mas está como que confirmada pelo próprio Sérgio, que é autor de texto intitulado “O atual e o inatual em L. Von Ranke”, publicado em 1974 pelo número 100 da *Revista de História*<sup>4</sup>.

Sabemos de Leopold Von Ranke que advogava uma metodologia para o escrever da história que tratasse as fontes históricas com apurado rigor científico. O intuito de Ranke e daquela que seria sua corrente seria o de retratar os fatos tal como haveriam acontecido, de modo a transportar o leitor do texto para o ambiente que se busca retratar no passado.

A apresentação estrita dos fatos seria possível graças a um método que valorizava as fontes documentais, oficiais, método que esse consolidou um novo paradigma para a história. Ranke privilegiara o estudo do Estado, adotando postura de pretensa neutralidade diante da política<sup>5</sup>.

Essa postura rendeu a Ranke, como de se esperar, diversas críticas – dentre elas, a de amoralismo, ceticismo político, dentre outras. Não é esse, no entanto, o aspecto que Sérgio Buarque de Holanda resgata na obra do autor, mas o seu viés *historista*: significa dizer que Ranke entendia tempos históricos *distintos no acontecer e na sua apreensão*. A contribuição de Ranke estaria, assim, na aceção de que o esforço da historiografia seria na verdade um esforço pela explicitação da diferença histórica<sup>6</sup>.

Haveria, assim, para Ranke, dois tempos distintos: o tempo do acontecer histórico, que é único – e na transposição desse momento para o presente é que reside o trabalho do historiador – e o tempo de interpretação, de descoberta de significado, de apreensão do passado pelo historiador.

O historiador que segue o caminho indicado por Ranke segue uma lógica em seu trabalho: pesquisa arquivos e documentos e os submete a uma análise de critérios rigorosos, de modo que possa resgatar as experiências do passado. É como se a familiaridade com o emaranhado de acontecimentos do passado de

---

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Caligrafias do tempo: palimpsestos na escrita da história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 17-79.

<sup>4</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 22.

<sup>5</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 23-25.

<sup>6</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 26.

que se ocupa tornasse o historiador uma testemunha ocular do passado. O ineditismo do acontecimento obriga o historiador, assim, a mergulhar no passado, decifrar seu contexto e relevar o *sentido* ao leitor<sup>7</sup>.

Não se deve confundir, no entanto, a busca desse sentido como a busca de um sentido para a própria história, um sentido teleológico e geral. A esse respeito, escreve Pesavento:

A busca de sentido, procurada pelo historiador, não seria, pois, a de um sentido geral ou teleológico para a história. Não se tratava de endossar uma filosofia da história, que construísse terminalidades e fins, mas sim de buscar um sentido no tempo do acontecido, este espaço histórico, este lugar no tempo, onde algo teria ocorrido no passado<sup>8</sup>.

Ranke, nesse sentido, está verdadeiramente afastado de um contemporâneo seu, Johann Gustav Droysen. Segundo Pesavento, ao contrário do que ocorreu em relação à Ranke, a respeito do qual Sérgio Buarque escrevera um artigo, não há na obra desse pensador brasileiro nenhuma alusão explícita à obra de Droysen. É possível, no entanto, identificar as marcas do pensamento de Droysen na obra de SBH.

Droysen se dedicou ao estudo de problemas de teoria e metodologia da história, postura bastante distinta daquela de seu rival Ranke. Droysen defendeu a ideia de que o método histórico passava por fases: a coleta e seleção de documentos históricos; uma fase de análise das fontes, com o intuito de analisar seu grau de veracidade; uma fase de interpretação, na qual o historiador atribui significado às fontes coletadas, que é seguida pela fase final, a de exposição da narrativa histórica<sup>9</sup>.

Para Droysen, o tempo e o espaço dos acontecimentos históricos só estariam disponíveis para nós em forma de *representações*. Os acontecimentos passados seriam registrados em fontes, que seriam representações construídas em outra época. Ao historiador caberia, assim, ao interpretar as fontes, a tarefa de *elaborar representações sobre representações passadas*.

Essas representações construídas pelo historiador, no entanto, seriam bem elaboradas se seguissem um método de compreensão e investigação, que envolve buscar motivações, sentimentos, razões deixadas nessas fontes. Assim, a partir da análise das fontes, o historiador poderia tentar reproduzir o passado, mas sempre ciente de que o resgate desses acontecimentos é sempre uma possibilidade, não uma certeza<sup>10</sup>.

Não apenas no tratamento das fontes é que Droysen se afasta de Ranke, segundo Pesavento<sup>11</sup>. Se, por um lado, Droysen parece mais disposto a levar em conta fontes históricas que não apenas as documentais, com o intuito de representar os sentidos do passado, é mais rígido quanto ao modo de exposição histórico do que Ranke. De fato, Ranke era conhecido por ser um escritor de estilo literário, quase ficcional, a despeito de sua fixação pelo método de análise rígido de fontes documentais. Nesse ponto é que Pesavento nos aponta outra divergência entre ambos:

---

<sup>7</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 27.

<sup>8</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 28.

<sup>9</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 29.

<sup>10</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 31.

<sup>11</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 31-32.

Ao comentar Ranke, Droysen opunha a narrativa, como forma de exposição ligada à ficção e à estética, às outras formas de exposição – de pesquisa, didática e de discussão –, próprias à história como ciência. A ficção criava uma ilusão do espírito, como se o acontecimento, em sua integralidade, estivesse ali presente, como se o passado tivesse um início e um fim e, finalmente, como se fosse possível articular imagem objetiva sobre o passado<sup>12</sup>.

Ora, se Droysen, por um lado, se apresenta como um historiador de vanguarda, vez que admite a impossibilidade de o historiador restaurar a imagem do passado no nível de uma verdade científica, por outro, parece em contradição consigo mesmo ao não admitir que a exposição da história se dê pela narrativa. A pergunta não respondida, tomado o contexto de seu pensamento, é: se a narrativa ficcional é rejeitada como modo de contar a história, e a verdade histórica, por outro lado, impossível de ser alcançada, de que outro modo de narrar os acontecimentos o historiador deve lançar mão?

Desse debate entre Ranke e Droysen, Pesavento nos aponta que estes foram lidos por Sérgio Buarque de Holanda e, certamente, influenciaram seu pensamento – Ranke, de maneira explícita, e Droysen de modo implícito. Esses autores fizeram parte daquilo que se convenciou chamar de *culturalismo alemão*, movimento intelectual que abriga muitas outras leituras de Sérgio Buarque. A princípio, o que podemos dizer é que Sérgio Buarque tanto tem de *rankiano* – em seu modo de escrever, próximo da narrativa ficcional, bem como nas *multiplicidades temporais* presentes em sua obra, que logo apontaremos – como de *droyseniano*. A respeito da similaridade do cruzamento entre Droysen e Holanda, escreve Pesavento:

Droysen enumera diversos materiais, discursivos ou imagéticos, postos à disposição do historiador, indo dos contos de fadas à alta literatura, das moedas e das ruínas arquitetônicas às pinturas. Em uma atualização das poerguntas, poderíamos indagar: tudo, então, seria matéria para a história? Sim, seria a respostas para estes pensadores alemães e, aparentemente, para SBH também, pois seria portador de um registro de vida no tempo<sup>13</sup>.

Eis aqui a divergência fundamental (expressa em seu texto) de Sérgio Buarque com Ranke. Ranke era um historiador objetivo, com quem Holanda compartilhava a noção de múltiplas temporalidades, mas que não chegava aos fundamentos, às raízes do acontecer histórico, dada sua indisposição de analisar fontes que não fossem as documentais.

Monta-se um quadro, então, de diversas influências que Sérgio Buarque recebeu dos autores que leu em sua passagem pela Alemanha. É certo que também tenha lido Dilthey<sup>14</sup>, que aprofundou seu conhecimento a respeito de Ranke, e com quem Sérgio Buarque compartilha a concepção hemernêutica de história.

Isto significa dizer que Holanda, influenciado pelos culturalistas alemães – Dilthey, Ranke, Droysen, entre outros<sup>15</sup> – tem uma visão de que a história comporta múltiplas temporalidades, justamente pelo fato

<sup>12</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 32.

<sup>13</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 34.

<sup>14</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 35-37.

<sup>15</sup> “Seu modo de compreender e praticar a história foram profundamente marcados por sua passagem pela Alemanha, em especial por Berlim, nos anos decisivos de 1929-1930. Essa viagem fez-se divisor de águas em sua formação, a grande ruptura quando definitivamente opta pela história como profissão de fé, em detrimento da crítica literária, que tão genialmente praticara até àquela altura – e da qual nunca abandonará definitivamente.” MALERBA, Jurandir. Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda. *Artcultura*, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 09-20, dez. 2012.

de que o acontecimento histórico é único e, portanto, só pode ser recomposto em sua configuração espaço-temporal única. O tempo como formulação conceitual, para Dilthey e para Sérgio, é mutável.

Sabemos, então, que a concepção histórica de Holanda é a de um tempo único, inédito, na apreensão de cada acontecimento, e, por isso mesmo, mutável. Um tempo que, no decorrer do que aconteceu, não pode ser recuperado de maneira fidedigna, apenas apreendido, interpretado – daí a importância da *hermenêutica* na história – e por fim representado<sup>16</sup>.

Tomados esses elementos, resta acrescentar o modo com que a influência weberiana irá se entrelaçar com a concepção de espaços históricos que está implícita na obra de Buarque. Pesavento<sup>17</sup> escreve que a categoria weberiana de grande importância, aqui, é a do *tipo ideal*.

Isto porque o tipo ideal é uma construção conceitual da sociologia weberiana pura e abstrata. Uma definição que alcança o ponto de ser generalizada, em referência a determinado momento histórico, por meio do resgate de múltiplos casos concretos fornecidos pelo estudo da história. O tipo ideal é a categoria que irá permitir à sociologia construir leis gerais, no contexto weberiano.

Como conjugar, no entanto, esses conceitos invariantes que são os tipos ideais, com a concepção de multiplicidade temporal que demonstramos estar presente em *Raízes*?

O tipo ideal weberiano seria, para o próprio Holanda, um modo de compreender a relação entre a parte e o todo, ou seja, entre o particular da história e o geral da sociologia. O intuito de Weber, é certo, foi de descobrir as significações culturais dos fenômenos sociais, apoiado nos conceitos sociológicos. Eis o que nos escreve Pesavento, a esse respeito:

Mas, se os tipos ideais são conceitos puros e invariantes de um método cognitivo, todas as esferas da vida – política, psíquica, econômica, religiosa – seguem uma evolução própria, demarcadas por tempos diferentes de realização. Assim, Weber concilia as multiplicidades e as descontinuidades do tempo com a fixidez de tais conceitos, entendidos como construções abstratas, lógicas e precisas, que expressam regularidades observáveis na variabilidade das situações históricas. O tipo ideal é um instrumento conceitual para poder submeter a uma espécie de regra geral a variedade da experiência humana no tempo<sup>18</sup>.

Devemos notar, portanto, que estamos diante de um autor que está marcado por essas leituras alemãs e que procurou fazer, em “*Raízes do Brasil*”, *uma captação de de significados históricos construídos no tempo*, significados que ele narrou e apresentou por meio de uma narrativa de estilo ficcional<sup>19</sup>. As variedades temporais do passado permitem, quando estudadas e interpretadas em conjunto, a formulação do tipo ideal, que representa, por sua vez, uma temporalidade longa, perene. Para Pedro Meira Monteiro, os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda têm caráter utópico, e, à semelhança dos tipos ideais de

---

<sup>16</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 43.

<sup>17</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 40.

<sup>18</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 40.

<sup>19</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 48.

Weber, “não se confunde com a realidade empírica”<sup>20</sup>, mas é ferramenta que permite, ao ser comparada com o real, “tornar inteligível o desenrolar dos fenômenos históricos”.

Com isso, montamos um quadro de sobreposições teóricas que informaram e influenciaram Sérgio Buarque no seu fazer histórico. Sabe-se, ainda, que no contexto da influência weberiana, o conceito que pretendemos trabalhar no presente texto – o homem cordial – configura, verdadeiramente, um tipo ideal. Vejamos em que consiste o conceito de homem cordial, para depois retomarmos o modo com que esse conceito se entrelaça na configuração temporal da obra.

## A Cordialidade Perene

“*Raízes do Brasil*”, publicado pela primeira vez em 1936, é um ensaio<sup>21</sup> histórico dividido em sete capítulos; o capítulo que nos traz o conceito de homem cordial é o quinto, sendo os capítulos anteriores como que uma preparação para a introdução desse conceito. Os cinco primeiros capítulos fazem um apanhado histórico não-linear da História do Brasil, que culminam na configuração do tema da cordialidade brasileira.

Nesse sentido, Sérgio Buarque de Holanda se insere numa tradição de autores brasileiros que procuram definir “quem somos”. Com essa definição, esses autores propõem modelos de ação política para o futuro do país. Também fazem parte desse trio, de acordo com Alfredo Bosi, os autores Gilberto Freyre (*Casa-grande & Senzala*) e Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil Contemporâneo*)<sup>22</sup>.

De fato, a proposta de ação política de Sérgio Buarque se encontra justamente nos dois últimos capítulos de *Raízes*, logo após a formulação e explicação do conceito de homem cordial. Nesse ponto, podemos dizer que a cordialidade é o conceito crucial para entendermos a proposição política feita ao final por Holanda<sup>23</sup>.

A formulação do conceito de homem cordial se dá a partir da constatação de Sérgio de que, no Brasil, o modelo de ação no seio familiar, privado, contamina o modo de viver público<sup>24</sup>. Segundo ele, no Brasil predominam as vontades particulares em detrimento de ordenações impessoais e objetivas; os círculos sociais, em especial o da família, é que forjaram o modelo de todas as outras relações sociais do brasileiro. Escreve o autor:

---

<sup>20</sup> MONTEIRO, Pedro Meira. **A queda do aventureiro**: aventura, cordialidade e os novos tempos em *Raízes do Brasil*. 1996. 265 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, UNICAMP, Campinas, 1996. p. 56

<sup>21</sup> Para Malerba, o ensaio é um estilo muito “próprio” de Sérgio Buarque de Holanda, que marca sua obra e seu modo de fazer história. MALERBA, Jurandir. Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda. **Artcultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 9-20, dez. 2012.

<sup>22</sup> “São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafada pelo Estado Novo”. Cf. BOSI, Alfredo. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 9.

<sup>23</sup> DECCA, Ensaio de Cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda. Cit..., p. 216-217.

<sup>24</sup> Esse conflito entre público e privado, Estado e família, é metaforicamente representado, em *Raízes*, pelo antagonismo entre Antígona e Creonte. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 141.

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência da cidade – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje<sup>25</sup>.

O que Buarque está dizendo, com isso, é que a organização patriarcal, familiar, que esteve em voga no Brasil desde os tempos coloniais, foi levada para os círculos urbanos e estatais, de onde se tem, então, o funcionamento de um Estado patrimonialista.

Essa formulação a respeito da predominância do privado sobre o público ocupa toda a primeira parte do quinto capítulo de *Raízes do Brasil*. Só depois de formular suas considerações a esse respeito é que Holanda irá trazer o conceito de homem cordial<sup>26</sup>. A cordialidade, traço típico do caráter brasileiro, fora forjada nos meios patriarcais e rurais, e é comumente associada à generosidade, hospitalidade e bons tratos que os brasileiros dispensam aos estrangeiros. Está ligada a um modo distante de uma vida ritualística e impessoal.

Não se deve confundir, entretanto, a cordialidade com o conceito de bondade. Essa confusão, inclusive, foi motivo de debate entre o autor de *Raízes do Brasil* e Cassiano Ricardo<sup>27</sup>. De fato, a cordialidade tem como pressuposto a aversão ao ritual, vez que procedente da esfera patriarcal e íntima da família. O homem cordial pode ser assim considerado mesmo quando não se porta pautado por sentimentos de concórdia e sentimentos positivos. Cordialidade não é sinônimo de amizade; caracteriza-se pelo agir emotivo típico de ambientes privados, não por ser positiva ou amistosa. Uma ação ou reação violenta pode ser, em termos buarquianos, cordial, desde que motivada de modo pessoalizado, emotivo, distante de um agir orientado de modo impessoal.

O que caracteriza a cordialidade é o agir com o *coração*, é o estranhamento ao convencionalismo e formalismo. A amizade e inimizade estão abarcadas na cordialidade, e deixam esse campo quando, publicizadas, passam a ser benevolência e hostilidade, respectivamente<sup>28</sup>.

A explicação para essa aversão ao formalismo, à convenção social, à vida impessoal do âmbito público está explicada, em *Raízes*, como decorrência do pavor que o brasileiro tem de conviver consigo mesmo. Como decorrência, a vida brasileira acaba sendo marcada pela ausência de formas de convívio que não sejam calcadas numa ética de fundo emocional<sup>29</sup>. Eis o cerne do que Sérgio Buarque de Holanda chama de cordialidade.

Façamos uma retomada, agora, do raciocínio desenvolvido por Pesavento a respeito das leituras alemãs do autor de *Raízes do Brasil*. Vejamos parágrafo esclarecedor a respeito:

---

<sup>25</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 145.

<sup>26</sup> A expressão não é original de Sérgio Buarque de Holanda, tendo sido tomada da obra do poeta Ribeiro Couto. Cf. DECCA, Ensaio de Cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda. Cit..., p. 219.

<sup>27</sup> DECCA, Ensaio de Cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda. Cit..., p. 216.

<sup>28</sup> HOLANDA, **Raízes do Brasil**. Cit..., p. 205.

<sup>29</sup> HOLANDA, **Raízes do Brasil**. Cit..., p. 148.

Ainda sob o influxo de Ranke, SBH trabalha com *múltiplas temporalidades* em sua obra *Raízes*: a das permanências ou do tempo longo (da herança ibérica, do caráter do povo e das mentalidades, dos tipos ideais) e a das mudanças ou do tempo curto (as construções cambiantes no espaço brasileiro, as lentas rupturas, o cotidiano, a cultura material), além da tríade cósmica construída pelos homens ao longo da história (um presente, um passado, um futuro)<sup>30</sup>.

Vê-se, portanto, que Pesavento coloca as múltiplas temporalidades presentes na narrativa de SBH em pelo menos dois planos distintos: a do tempo curto e a do tempo longo. A temporalidade de tempo longo é aquela que comporta a dos tipos ideais de Weber, como já dissemos, a que permite a interação entre a *parte* e o *todo*, entre a *particularidade histórica* e a formulação sociológica *generalizante*. A cordialidade, enquanto tipo ideal, se apresenta como um conceito forjado no tempo longo, configurado num contexto de permanência na história nacional.

Nestes termos, a mentalidade cordial (que subjuga a coesão social em favor da solidariedade familiar e privada) é uma herança do passado que explica o presente, uma continuidade que prende o país ao atraso colonial e o impede de ser moderno. Para Sérgio Buarque, o caráter brasileiro põe em relevo um indivíduo indiferente às leis gerais, que tem despreço pela ordem coletiva. Mais ainda, o brasileiro dá tal peso às suas afinidades emotivas de modo a ter despreço por um princípio individual de supraorganização<sup>31</sup>.

Escreve Sérgio Buarque de Holanda:

Assim, só raramente nos aplicamos de corpo e alma a um objeto exterior a nós mesmos. E quando fugimos à norma é por simples gesto de retirada, descompassado e sem controle, jamais regulados por livre iniciativa. Somos notoriamente avessos às atividades morosas e monótonas, desde a criação estética até às artes servis, em que o sujeito se submeta deliberadamente a um mundo distinto dele: a personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador<sup>32</sup>.

Este trecho de *Raízes do Brasil* compõe justamente o início do sexto capítulo, em que Sérgio Buarque começa a deixar a definição de “quem somos” para analisar o campo político brasileiro. Vemos, portanto, a presença da tríade citada por Sandra Jatahy Pesavento: o *passado*, de onde Holanda colhe os elementos para formular seus conceitos; o *presente*, no qual são perceptíveis as permanências que nos mantêm como nação atrasada politicamente; e o futuro, que está em disputa e que se abre para à ação política agora que o passado e os problemas do presente estão constatados<sup>33</sup>.

O “homem cordial” é, assim, uma categoria buarquiana que representa o caráter nacional desde os tempos coloniais, que se forja e se impõe em nosso *passado*. No entanto, enquanto tipo ideal, sua temporalidade é longa, de modo que permanece no *presente*, se insere na vida nacional e ainda define

---

<sup>30</sup> PESAVENTO, Caligrafias do tempo. Cit..., p. 64.

<sup>31</sup> HOLANDA, *Raízes do Brasil*. Cit..., p. 154.

<sup>32</sup> HOLANDA, *Raízes do Brasil*. Cit..., p. 155

<sup>33</sup> “Tanto Sérgio, como Freyre e Prado Júnior, ao pergunarem ‘quem somos’, preocuparam-se com os destinos da nacionalidade e, nesse sentido, abriram o debate para novas direções, com a expectativa de redefinição da presença dos sujeitos sociais para se repensar a cidadania”. Cf. DECCA, Ensaio de Cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda. Cit..., p. 214.

quem somos e como agimos socialmente. A cordialidade, portanto, é perene na história nacional e está inserida em nosso caráter como regra geral – ao menos é o que se depreende da leitura de Sérgio Buarque de Holanda.

Como dado perene, é inibidor de nossa modernização. Preceitos básicos do Estado moderno, herdados da constelação liberal, como a igualdade perante a lei, encontram na cordialidade uma barreira para se realizarem. Afinal, uma igualdade fundamental dificilmente poderá conviver com uma eticidade de fundo emotivo<sup>34</sup>.

No jogo de temporalidades curtas e longas que SBH nos apresenta em seu livro, a cordialidade estaria entre as de longo alcance, de modo a integrar nossos acontecimentos particulares ao nosso “todo”. Em Buarque, encontramos no “homem cordial” um tipo ideal que permite interpretar o país de modo abrangente e que permite explicar nosso presente e planejar nossa ação política futura.

### Cordialidade e Modernidade: a crítica de Jessé Souza

“*A Modernização Seletiva*”, de Jessé Souza, é um livro que tenta recuperar uma tradição das ciências sociais brasileiras, que perdeu força a partir dos anos 60, de interpretar o Brasil a partir de um modelo analítico. Segundo Avritzer<sup>35</sup>, essa tradição frequentemente analisava a formação social brasileira a partir de um elemento sob teorias de caráter ensaístico. Já a partir dos anos 60, com uma crescente profissionalização das ciências sociais, a metodologia mais apurada se ocupou de temas de médio alcance – o sistema político, os partidos, a escola, etc. Poucas obras, desde a profissionalização das ciências sociais, voltaram a se ocupar de visões de longo alcance sobre o processo de formação social do Brasil. O livro de Jessé se insere nesse contexto, como tentativa de preencher essa lacuna.

O intuito de Jessé é demonstrar que foi criado no Brasil um modelo de auto-interpretação que nos classifica com um país atrasado, que ainda não se inseriu na *Modernidade*. Esse modelo estaria baseado, segundo Jessé, nos conceitos de personalismo, patrimonialismo e herança ibérica<sup>36</sup>, bem como numa comparação constante da colonização brasileira com a colonização estadunidense<sup>37</sup>.

Além de desconstruir os argumentos de que o Brasil seria, por isso, um país pré-moderno e atrasado – introduzindo, então, o conceito de *modernização seletiva*, para provar que o Brasil é, sim, um país moderno –, Jessé delinea sua própria definição de “quem somos”, a partir de uma releitura da obra de Gilberto Freyre<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> VIEIRA, Diego Vinícius. **Terra Brasília, ex corde**: política, cultura e estado nas octogenárias Raízes do Brasil. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016, p. 83.

<sup>35</sup> AVRITZER, Leonardo. A singularidade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 165-176, fev. 2001.

<sup>36</sup> SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: UNB, 2000. p. 11

<sup>37</sup> Interessante notar que, em *Raízes do Brasil*, é frequente a comparação com a colonização espanhola, a despeito de Sérgio Buarque ser um grande artífice da interpretação da herança ibérica brasileira.

<sup>38</sup> SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**. *Cit...*, p. 209-252.

É nesse contexto que a obra de Sérgio Buarque de Holanda se torna especialmente importante na construção argumentativa de Jessé. Para Jessé, SBH é o mais influente autor daquilo que ele chama de sociologia da inautenticidade, mas seu livro *Raízes do Brasil* estaria cheio de imprecisões a respeito da herança portuguesa, que, em muitos momentos, Sérgio Buarque parece contrapor ao calvinismo ascético e, em outros, à herança espanhola das outras colônias americanas. A falta de uma definição de europeísmo leva SBH a não formular em que termos, exatamente, Portugal é *menos europeu* do que o restante da Europa, e, por conseguinte, sua definição do próprio atraso brasileiro fica comprometida por essa imprecisão<sup>39</sup>.

A matriz da crítica de Jessé aos três autores citados – Holanda, Da Matta e Faoro – é o iberismo. Na argumentação de Jessé, *Raízes do Brasil* figura como marco inaugural dessa tradição de interpretação do país pelos olhos de nossa herança ibérica, em virtude da força argumentativa de Sérgio Buarque de Holanda. Jessé nos aponta, nesse sentido, a importância do conceito de “homem cordial”: é por meio dele que SBH irá condensar todas as ideias as ideias do livro.

Em outras palavras, esse conceito irá colocar em ordem geral aquilo que o autor viera colhendo dos exemplos particulares da história. Jessé aponta para o fato de que mesmo em manifestações institucionalizadas impessoais, o personalismo do homem cordial está presente, tais quais o Estado e a religião. No âmbito de uma cordialidade, o Estado é um Estado Patrimonialista (ainda que conserve elementos burocráticos<sup>40</sup>) e o catolicismo é um catolicismo familiar.

O patrimonialismo é um desenvolvimento direto do personalismo, é a atitude do funcionário público de zelar antes pelo seu interesse particular do que pelos interesses objetivos do Estado<sup>41</sup>. Em virtude da tomada do Estado nacional por esse patrimonialismo é que não se consolidou – de acordo com SBH – um Estado burocrático racional típico das democracias modernas ocidentais<sup>42</sup>.

Nas palavras de Diego Vieira:

Tendo como pano de fundo uma eticidade emotiva, o homem cordial imprimiu sua marca no modo de ocupar o campo e a cidade. Na zona rural, valeu-se de um modo de produção exploratório e pouco racional, que lhe rendesse lucros fáceis ao custo do menor trabalho possível. Adaptou-se ao meio rural com notória facilidade, e tal capacidade de adaptação levou-o à cidade; no meio urbano, incitado a erigir as instituições políticas do Estado, encontrou grande dificuldade em apartar a ordem familiar da ordem estatal<sup>43</sup>.

Nesse ponto é que Jessé avança para apontar um dado da obra de Holanda: a de que o personalismo, o patrimonialismo, enfim, a herança ibérica – unificados, como vimos, na fórmula do “homem cordial” – são colocados na lógica de uma causalidade atávica, de um princípio que ronda nosso caráter nacional e que não deixa de aparecer mesmo em eventos que, à primeira vista, nos seriam modernizadores. Escreve Jessé:

---

<sup>39</sup> SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**. Cit..., p. 13.

<sup>40</sup> HOLANDA, **Raízes do Brasil**. Cit..., p. 146.

<sup>41</sup> HOLANDA, **Raízes do Brasil**. Cit..., p. 166.

<sup>42</sup> SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**. Cit..., p. 166.

<sup>43</sup> VIEIRA, Diego Vinícius. **Terra Brasilia, ex corde**. Cit ..., p. 84.

O que salta aos olhos na elaborada e refinada argumentação de Buarque é a afirmação de uma certa causalidade atávica, um princípio ativo que atravessa séculos com diferenças apenas epidérmicas, meros disfarces do retorno do mesmo: o personalismo gestado na colônia e herdade de Portugal<sup>44</sup>.

O que Jessé capta nesse parágrafo é a essência mesma do que já apontamos como a temporalidade longa presente na formulação do homem cordial. Em outras palavras, o retorno do personalismo (que seria melhor colocado nos termos de um *retorno da cordialidade*, vez que o personalismo compõe esse conceito maior e mais abrangente) dito por Jessé expressa a mesma ideia que Pesavento nos informara a respeito da permanência temporal, da perenidade dos tipos ideais na obra de Buarque. O personalismo *retorna* porque é essa a concepção de tempo histórico que SBH constrói das leituras do culturalismo alemão que havia feito – a de que as múltiplas temporalidades do passado, uma vez reinterpretadas, podem ser representadas sob ideais gerais. Aqui, SBH cruza passado e presente, particular e geral, história e sociologia.

Ora, é nisso que reside a crítica de Souza. Essa permanência da cordialidade (e, portanto, do personalismo, do patrimonialismo, etc.) encerra um ciclo no qual o Brasil estaria fadado a não alcançar a modernidade: o modo cordial de relações sociais não permite a unificação do país sob princípios impessoais objetivos, e contamina o Estado pelo patrimonialismo.

Desse modo, não prospera uma democracia de moldes modernos, verdadeiramente ocidental. Contaminado pela cordialidade e pelo patrimonialismo, nosso Estado não poderia atender aos objetivos impessoais que se espera de um Estado burocrático e racionalizado. Se nossa cordialidade, personalismo, patrimonialismo, enfim, nossa herança ibérica sempre retorna – ou, colocado de outro modo, é uma temporalidade longa, permanente –, o país estaria fadado a não alcançar o desenvolvimento típico dos países ocidentais, a não atingir a *Modernidade*<sup>45</sup>.

Assim, Jessé de Souza se ocupa de, primeiramente, fazer a crítica à Raízes do Brasil, antes de partir para a crítica a Faoro e Da Matta, pois está consciente do marco inaugural que essa obra representa no âmbito da sociologia da inautenticidade. Assim, em SBH reside o núcleo de equívocos a respeito do debate do caráter nacional que Jessé recupera e recoloca em outros termos. O pano de fundo comum a todos esses autores é a crença de que a herança ibérica é nosso fator de atraso e de impedimento para que chegar à Modernidade. O cerne do contra-argumento de Jessé, no entanto, está justamente em recolocar os termos pelos quais definimos a modernidade. Segundo ele:

[o] Brasil não é um país moderno e ocidental no sentido comparativo de afluência material e desenvolvimento das instituições democráticas. Mas o Brasil é certamente um país moderno no sentido ocidental do termo, se levarmos em conta que os valores modernos e ocidentais são os únicos aceitos como legítimos. Esses são os nossos valores dominantes e é isso que explica o fascínio do tema da modernização entre nós<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**. Cit..., p. 13.

<sup>45</sup> Para Pedro Meira Monteiro, em artigo, Raízes do Brasil é um verdadeiro “prefácio à modernidade”. Cf. MONTEIRO, Pedro Meira. **A queda do aventureiro**: Cit..., p. 181.

<sup>46</sup> SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**. Cit..., p. 267.

A recolocação do Brasil como um país efetivamente moderno (modernidade seletiva, na qual convivem contradições internas e complexidades, fenômeno que não difere daquele que ocorre também nos EUA ou na Alemanha) é a maneira com que Jessé critica a sociologia da inautenticidade e propõe seu modelo de interpretação do Brasil. O sociólogo enxerga no argumento da repetição causal da herança ibérica enquanto fator de atraso do país o cerne da imprecisão da chamada sociologia da inautenticidade.

Como vimos, em *Raízes do Brasil*, esse argumento atávico é fruto mesmo das leituras culturalistas alemãs de seu autor, que acaba por conceber um plano temporal para seus tipos ideais – a cordialidade, o personalismo, etc. – no qual esses conceitos se tornam regras gerais de formação do caráter nacional, caracteres perenes da identidade e história nacionais. Nessa crítica contundente que faz a SBH e aos autores posteriores, Jessé contribui efetivamente para a desconstrução de um mito do pensamento brasileiro<sup>47</sup>, e repõe a questão da modernidade, que este clássico de Sérgio Buarque de Holanda nos coloca, sob novos pilares.

## Referências

- AVRITZER, Leonardo. A singularidade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 165-176, fev. 2001.
- BOSI, Alfredo. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octávio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 7, p. 176-187. jun. 2002.
- MALERBA, Jurandir. Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda. **Artcultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 9-20, dez. 2012.
- MONTEIRO, Pedro Meira. **A queda do aventureiro: Aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil**. 1996. 265 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, UNICAMP, Campinas, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Caligrafias do tempo: palimpsestos na escrita da história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: UNB, 2000.
- VIEIRA, Diego Vinícius. **Terra Brasilia, ex corde: política, cultura e estado nas octogenárias Raízes do Brasil**. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

---

<sup>47</sup> Octávio Ianni trata, em instigante texto, dos tipos do pensamento nacional que se tornam, sob a égide da ideologia dominante, verdadeiros mitos. Ianni cita, por exemplo, o mito da democracia racial, o mito da inescapável dependência externa e, por fim, o mito do patriarcalismo estatal. Segundo o autor, mitos como o do homem cordial, dentre outros, “contribuem para taquigrafar, organizar e administrar uma sociedade civil incipiente, pouco articulada, (...). O que está em causa é despolitizar a sociedade civil em formação, defini-la e organizá-la desde cima, tomá-la como pouco ativa e pouco organizada, gelatinosa, carente de tutela. Daí o Estado forte, demiurgo, oligárquico, autoritário e tirânico. Tudo isso como expressão de uma cultura política arrogante e opressiva, produzida no curso de séculos de escravismo.” Cf. IANNI, Octávio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 7, p. 176-187, jun. 2002.